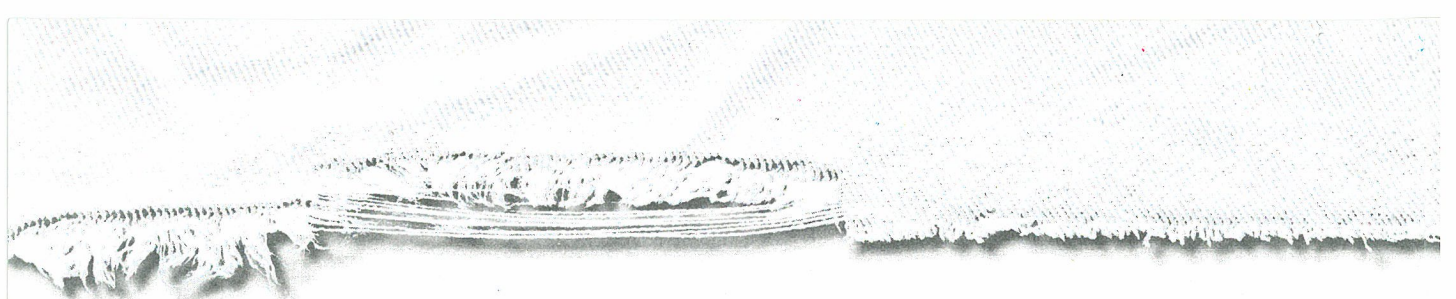


anatureza feminina do cerrado

Eliane Chaud
Leda Guimarães





Ficha Técnica

Coordenação e textos

Eliane Maria Chaud
Leda Maria de Barros Guimarães

Pesquisadores bolsistas-PROEXT

Elias Batista Marinho (pesquisa)
Adriana Leão Santiago Gomide (pesquisa)
Gustavo Gontijo (projeto gráfico)

Fotografia

Simone Marçal
Eliane Chaud

Setor Áudio Visual – UFG Virtual

Sergio Alencastro Veiga Filho

Edição

Max Gráfica & Editora Ltda. - 2005

Realização

Programa de Apoio à Extensão Universitária voltado às Políticas Públicas – PROEXT 2005 – MEC/SESu/DEPEM
Universidade Federal de Goiás - UFG

Reitora: Milca Severino Pereira

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - PROEC

Pró-Reitora: Ana Luiza Lima Sousa

Faculdade de Artes Visuais - FAV

Diretor: Luis Edemar Oliveira Costa

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(GPT/BC/UFG)

C497a

Chaud, Eliane.

A natureza feminina do cerrado / Eliane Chaud e Leda Guimarães. - Goiânia : Max Gráfica & Editora, 2005.
28p. : il., color.
Bibliografia.

ISBN:

1. Artesanato - Cidade de Goiás (GO). 2. Trabalho feminino - Cidade de Goiás (GO). 3. Estética - Cotidiano - Cidade de Goiás (GO)

I. Guimarães, Leda. II. Título.

CDU: 745(817.3 Cidade de Goiás)

anatureza feminina do cerrado

anaturalezafemininadocerrado



Índice

Artes e Atos Goianos	7
Cidade de Goiás	9
A Natureza Feminina do Cerrado	11
Artistas - Artesãs	16
Irene	16
Maria Helena	17
Alice	18
Divina	19
Gel	20
Maria da Gruta	21
Odete	22
Eleuza	23
Vera	24
Endereços	27

anatureza feminina do cerrado



Artes e Atos Goianos

A arte e Atos Goianos é um projeto de extensão desenvolvido por uma equipe de professores e alunos da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás – UFG. É amparado pelo Programa de Apoio à Extensão Universitária voltado às Políticas Públicas – PRO-EXT 2005 – MEC/SESu/DEPEM.

O Projeto enfatiza o artesanato, a cultura popular e os saberes tradicionais da cultura goiana, visando à valorização das formas artesanais e populares, ressaltando sua importância para a construção e afirmação da identidade histórico-cultural da Cidade de Goiás. Por sua elevada relevância histórica e, mais recentemente, pelo incentivo ao turismo, a produção de artesanato é intensa na cidade.

Em ações concretas, o projeto objetiva identificar artistas-artesãs; documentar dados para análise do estudo proposto e promover encontros para discussão sobre artesanato e oficinas de criatividade. Outro objetivo é valorizar a produção local ao mostrar a capacidade criativa de cada artesã e as possibilidades de desenvolvimento de

seus trabalhos. Algumas formas de divulgação em 2005 foram: postais, vídeos, catálogos e exposições.

Pudemos notar que uma das técnicas mais tradicionais no local é a cerâmica. No entanto, não focamos o projeto em uma única linguagem; queríamos conhecer melhor outras artesanias ali presentes. Entre essas técnicas, próprias da cultura brasileira cabocla, estão a colcha de retalhos, a boneca de pano e, também, aquelas se utilizam matérias-primas específicas daquela região para o desenvolvimento dos trabalhos.

No desenvolvimento do projeto durante 2005, enfatizamos o trabalho feminino, valorizando os saberes tradicionais repassados de geração em geração. No presente, esses repasses constituem-se como formas de sobrevivência diretamente relacionadas a uma estética do cotidiano. Acreditamos na importância de projetos dessa natureza, que interligam saberes conectando universidade e comunidade. Esses aspectos são abordados em texto que consta posteriormente neste catálogo.



anatureza feminina do cerrado



Cidade de Goiás

Século XVIII: começa a história da Cidade de Goiás, no momento em que surge o Arraial de Sant'Anna, em um pequeno vale por onde passa o Rio Vermelho. É fundado em 1725 pelo bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, que ali se instala por avaliar e perceber a riqueza da região.

Nesse período, a base da economia é a exploração do ouro. Mais tarde, em 1744, por ordem do Rei de Portugal, cria-se a Capitania de Goyas. O arraial, então, é elevado à condição de vila administrativa, com o nome de Vila Boa de Goiaz. Esta mudança foi realizada com a intenção de se cobrar

impostos e controlar o contrabando de ouro, além de defender o território dos colonizadores espanhóis, que não buscavam apenas o ouro, mas, também, terras e mão-escrava indígena.

Com o aumento da população, edificações foram construídas, a cidade se formou impulsionando a vida urbana. Esse crescimento, porém, é interrompido em fins do século XVIII, com a escassez do ouro. Vila Boa teve sua população reduzida e precisou reorientar suas atividades econômicas para a agropecuária.

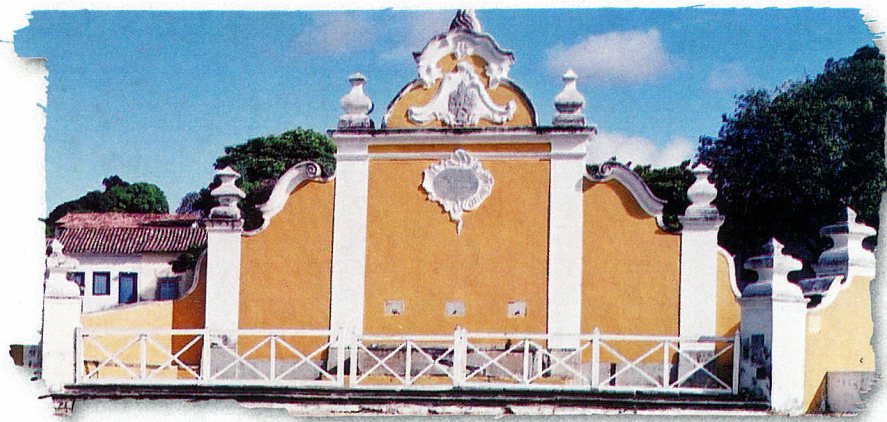
Até 1933, a cidade teve grande relevância no Estado, de acordo

com Gomide:

“Durante muito tempo, a cidade de Goiás foi lembrada com seu ciclo aurífero e por ser a referência política em todo o Estado de Goiás. Como capital da Província de Goiás, sua importância permaneceu até 1933, quando ocorreu a decisão da transferência da capital.” (2003, p. 14)

A transferência da capital para Goiânia gerou um descontentamento na população: um sentimento de abandono; a cidade ficou ainda mais vazia com a mudança dos funcionários para a nova capital. No entanto, foi pela preservação singular de toda a arquitetura colonial, de seu mobiliário e das obras artísticas que, em 2001, a Cidade foi reconhecida pela UNESCO como patrimônio histórico da humanidade. Suas construções foram tombadas e o turismo tornou-se uma importante atividade econômica.

Dentro deste contexto histórico, compreendemos o universo das artesãs que aqui apresentamos: inseridas em uma cultura particular, onde preservar e cultivar as tradições locais torna-se um princípio de vida.



anaturezaafemininadocerrado

Cerrado

Com uma área de cerca de 2.000.000 Km², o bioma reúne de forma contínua parte dos estados do Maranhão, Piauí, Bahia, Minas Gerais, Tocantins, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Pará e Rondônia. Uma das principais características do Cerrado é a de ter contato com todos os outros biomas brasileiros, permitindo um constante fluxo genético entre as espécies, especialmente por suas matas de galeria, onde são observadas diversas espécies típicas dos biomas adjacentes.

<http://www.mma.gov.br/ascom/ultimas/index.cfm?id=610>



A Natureza Feminina do Cerrado

Espaço doméstico: arte e vida

As artesãs participantes do projeto e seus respectivos produtos revelam uma conexão com o contexto sócio cultural da Cidade de Goiás e de seu entorno: a região do Cerrado. Os aspectos dessa conexão foram identificados na história dessas mulheres, nas formas de criação, produção e circulação de seus produtos e na maneira delas os perceberem como trabalho e manifestações artísticas. Com isso, vê-se que a história de vida de cada artesã agrega valores culturais ao que elas produzem.

Inicialmente, percebemos estes aspectos ao adentrar na casa de cada uma: mundos diferenciados, repletos, ricos em possibilidades artísticas. De acordo com Certeau: "Um lugar habitado pela mesma pessoa durante um certo tempo esboça um retrato semelhante, a partir de objetos (presentes ou ausentes) e dos costumes que supõem. O jogo das exclusões e das preferências, a disposição do mobiliário, a escolha dos materiais, a gama de formas e de cores..." (1994, p. 204)

O espaço doméstico é percebido como uma estética particular, o que possibilita a "organização" de memórias, gestos, gostos, valores e de objetos que estão intrinsecamente relacionados à identidade, ao ser de cada uma. Nosso olhar fica atento para tantas coisas a serem vistas. São fotos, objetos decorativos, utilitários, mobiliários, etc.

É interessante ver com um olhar diferenciado o vaso sobre a mesa, o armário todo arrumado com pequenas lembranças, os bibelôs, as louças, as flores artificiais, as toalhinhas pintadas à mão com bicos de crochê dispostas sobre a mesa, sobre o fogão. Objetos que fazem parte e constroem a estética do cotidiano. Através destas percepções, a identidade e memória de cada artesã nos são reveladas.

Na diversidade de objetos e móveis encontrados, um equipamento que se repete na maioria das casas visitadas: a máquina de costura, comum no interior do Brasil. Costurar implica em auxiliar nas despesas domésticas, uma atividade que a "dona do lar" faz paralela às atividades da casa.





Poderíamos dizer que a máquina de costura se apresenta como um equipamento essencial a esta dona-de-casa/artesã que, neste caso, confecciona artefatos que vão da roupa de vestir às colchas, bonecas, tapetes, almofadas e bolsas. Esses materiais serão colocados à venda nas feiras e lojas de artesanato da cidade.

Além dos objetos, podemos também falar do local de trabalho destas artesãs. É interessante notar de que maneira ocupam os espaços das casas. Este local pode ser qualquer ambiente; não é necessário isolá-lo em um canto, pois os trabalhos que elas desenvolvem fazem parte da rotina da casa, seja na sala,

na cozinha ou em um quarto.

O espaço está ali para, a qualquer momento, ser utilizado. A casa, a disposição do mobiliário, a vida familiar; "tudo" gira em torno do trabalho da artesã: foco principal das outras ações que ali se realizam. A família, filhos, marido e netos, atualmente, vêem a confecção de artefatos como subsídio rentável à família.

Isto é um reflexo de uma espécie de resistência que, geralmente, as mulheres lançam mão para buscarem formas de manutenção a fim de superarem dificuldades e romperem barreiras como a pobreza e os preconceitos impostos à mulher na sociedade. Mas, também, traduz uma vontade, uma busca de aprender; de sair de um lugar para outro, de uma condição para outra. Revela um diálogo com algo maior; mais forte, algo que organiza a vida. Onde vão buscar esse conhecimento? No rol de saberes familiares, como mostram os seguintes depoimentos:

"Eu faço essas bonecas de pano ... foi um trabalho assim que eu aprendi a fazer com a minha vó!"

Leninha (17/09/2005)

"Minhas bonequinha era minha madrinha que fazia."

Dona Odete (06/04/2005)

"Muitos ano atrás a minha mãe né, começou a fazer, até ficava umas colcha muito bonita mesmo, aí eu falei: vou aprofundar mais nesse trabalho da senhora que eu vou da conta. E aí foi assim eu peguei olhar os modelo dela e pegar prática nas colcha"

Dona Eleuza (06/04/2005)

Usando um clichê muito popular, diríamos que elas vão buscar conhecimentos na escola da vida, onde manifestações estéticas são construídas sem que se estabeleçam classificações se é arte ou não. Podemos perceber que estes padrões de referência dão sustentação às manifestações estéticas presentes no cotidiano.

Falar dessas mulheres-artesãs é mergulhar num mundo de sonhos e dificuldades que as fazem caminhar. Assim, as possibilidades vão surgindo e construções vão sendo realizadas dentro de uma lógica própria. Um pedaço de tecido que se junta a outro e forma uma colcha, uma boneca; sementes que justapostas formam uma flor; partes de argila que, sendo modeladas, formam um vaso, uma panela, um pote. Processos de construções simples, porém, ricos em suas inúmeras variações.

O fazer

O que é isto, para estas mulheres? Prazer; brincadeira; terapia? O trabalho é totalmente integrado às suas vidas: elas são o que fazem. Um fazer rico de histórias e aprendizagens. Elas o sentem como algo necessário, conforme depoimentos abaixo:

"Quando eu to criando, eu estou é, eu me sinto tão bem comigo mesma, não tem explicação é como se eu tivesse num paraíso!"

Vera (18/09/2005)

"Trabalhar é maravilhoso... o meu dinheiro é sagrado, se ganho um real eu agradeço, se ganho mais eu agradeço a Deus, todo dia eu to agradecendo, porque eu adoro trabalhar ...eu to com 50 anos, toda vida eu trabalhei e se eu não gostasse desse trabalho não valia a pena nunca ter feito nada! Eu adoro o que eu faço."

Maria Helena (17/09/2005)

"Eu acho muito bonito, muito gostoso trabalhar com a natureza, pra mim é uma terapia, pra minha saúde, acho que isso até prolonga a minha vida."

Maria da Gruta (29/04/2005)

Para elas, fazer artesanato é algo

valeroso, digno como qualquer outro trabalho. Sentem prazer em fazer, trabalham muito tempo e produzem em quantidades significativas. Produção esta que possui diversidade, onde o querer aprender, o inovar, demonstra o diferencial dos trabalhos destas mulheres.

Para nós, o mais importante desse projeto é o que ele vem significando para estas mulheres e para a comunidade na qual estão inseridas. Em primeiro lugar, colocaremos o aspecto mais imediato da sobrevivência: elas vivem do que fazem e, por isso, precisam vender seus produtos. Essa venda deve ter lógica de mercado, uma vez que a Cidade de Goiás é movimentada pelo turismo cultural.

As participantes do projeto combinam entre si elementos deixados à parte na história oficial das nossas artes e culturas: fazem parte de uma população que continua excluída. Apesar das conquistas femininas de inserção no mercado

de trabalho, as mulheres 'do povo' têm pouca visibilidade social, histórica e cultural.

Mesmo com essa situação de 'ocultamento', essas mulheres-artesãs fortificam-se e se destacam na comunidade, justamente pela soma das heranças culturais, dos trabalhos manuais, da esfera do cotidiano e da estética da resistência. Por isso nomeamos nosso trabalho de "A Natureza Feminina do Cerrado", por identificar em cada artesã forças organizadoras e renovadoras da identidade cultural daquela região.







Artistas - Artesãos

Irene

Irene Rodrigues da Silva (Leninha)
Cidade de Goiás -GO - 1968

Faz bonecas de pano desde sua infância, aprendeu com sua avó. Construiu suas próprias bonecas para ter com o que brincar. Há sete anos comercializa as bonecas, o que a ajuda nas despesas domésticas e, atualmente, a custear o seu Curso de História na UEG.



“... quando faço liberto minha criança... e eu aprendi a fazer pra poder ter como brincar...tudo tem o seu valor...”

Leninha(17/09/2005)

Maria Helena

Maria Helena Pinheiro de Bastos
Cidade de Goiás –GO - 1954

Trabalha com várias técnicas artesanais ao mesmo tempo: tapetes costurados na máquina e de crochê; bonecas de pano; bolsas e desenvolve miniaturas em cerâmica (conjuntos para feijoada, panelinhas, bichinhos). Antes, construía peças grandes em cerâmica e a sugestão de fazer miniaturas foi de uma amiga, conta Maria Helena.



“Cada coisa que a gente faz, uma peça, é a mesma coisa que um filho da gente, a gente tem o maior carinho com ele. Eu sou orgulhosa de falar que eu sou artesã.”



Maria Helena (17/09/2005)

Alice

Alice Gonçalves Noronha
(Alicinha)
Cidade de Goiás – GO - 1946

Trabalha com a cerâmica tradicional de Goiás (potes, panelas, buiões) e cria, também, peças artesanais inovadoras. A técnica foi repassada à ela pela família, principalmente pela mãe. Hoje, ensina a pessoas interessadas todo o conhecimento adquirido através dos anos de experiência com a técnica.



“Sou artesã desde criança né, porque eu aprendi com meus pais. Eu sou de família de artesã. Sou ceramista e cresci trabalhando né, com a cerâmica. E a coisa que eu mais identifico na minha vida é com minhas raízes, meu passado.”

Alice Gonçalves (19/09/2005)



Divina Lúcia Pereira Santos da Luz
(Nêga)
Cidade de Goiás – GO - 1964

Confecciona bonecas e miniaturas de farricocos* em cetim e estrutura de papelão. Percebe-se a delicadeza e acabamento em seu trabalho.

“É! Meu trabalho é o farricoco, já tem algum tempo que eu faço... Dá bastante trabalho assim, mas, eu gosto muito de fazer.”

Divina (19/09/2005)

*Farricocos são personagens do espetáculo da Paixão de Cristo encenada há quase duzentos anos nas ruas da Cidade de Goiás durante a Semana Santa. São homens encapuzados com vestes de cetim coloridas, empunham tochas e saem na perseguição de Jesus durante vários pontos da cidade. É comum a representação destes personagens em pinturas, bonecos de pano, de cerâmica e em outros materiais.





Geralda de Lourdes Pereira Barbosa de Godoy (Gel)
Jaraguá – GO - 1965

Domina várias técnicas: modelagem em cerâmica na criação de vasos/panelas, potes; pinta a óleo; faz esculturas em pedra-sabão; costura colchas de retalho e faz cestaria com buriti.

Tornou-se artesã depois de casada, quando se mudou para a Cidade de Goiás, pois necessitava ajudar nas despesas domésticas. Já conhecia algumas técnicas desenvolvidas por pessoas da família, no entanto, nunca as havia praticado. Assume vários papéis: é dinâmica, luta por seus ideais. É comerciante (sócia de uma loja de artesanato na cidade) e professora de artes na Escola de Artes Veiga Valle.



“Eu não consigo parar, por mais que eu queira, se eu ficar um dia parada pra mim não foi um dia. Eu to sempre procurando em busca, sempre fazendo alguma coisa, nunca fico parada... parece que eu sinto um amor muito grande por tudo que eu faço. Cada dia que eu aprendo alguma coisa aquilo pra mim é uma novidade, eu me apaixono por aquilo ...cada vez que você faz, você aprende mais...”

Gel (29/04/2005)





“Trabalhando assim com a natureza, a gente vai trabalhando assim, caminhando só pra frente, sem ter que tá voltando, consertando as coisas, não... e isso faz bem para gente”

Maria da Gruta (29/04/2005)



Maria da Gruta

Maria da Conceição Rodrigues dos Santos (Maria da Gruta)
Perdigão, MG – 1944

Constrói flores (isoladas ou arranjos) a partir de sementes e frutos do cerrado. Também escreve poesias.

Viveu em uma fazenda, onde aprendeu a fiar, tecer, costurar e bordar. Iniciou-se no artesanato construindo grutas com pedras e criando pequenos arranjos com flores artificiais. Logo após, começou a explorar as sementes do cerrado, onde percebeu a modificação e valorização de seus produtos.

De natureza mística e espiritual, construiu na sua casa uma gruta com pedras. É devota de Santa Bernadete. Há seis anos sua casa foi consagrada local de orações por um padre. Vem daí a alcunha de Maria da Gruta.





Odete Camargo Secondino Santos
São Luiz Montes Belos – GO - 1952

Faz bonecas de pano. Quando adolescente, aprendeu a fiar; porém, não tinha interesse nesta técnica; seu sonho era aprender a costurar. Apenas mais tarde consegue realizá-lo, quando chega à cidade e faz o curso de corte e costura. Foi sua nora quem a incentivou a fazer bonecas.



“O que eu mais gosto de fazer... as boneca, eu adoro fazer, porque é um trabalho que eu to fazendo e praticamente brincando”

Odete (6/04/2005)



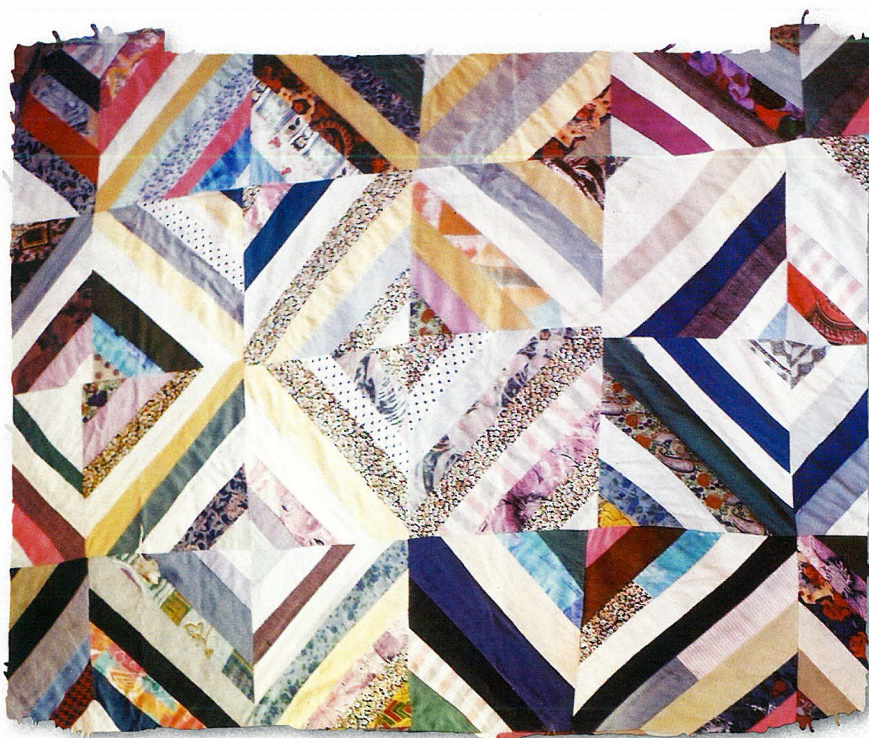
Eleuza



Eleuza Inácia Batista
Anicuns- GO – 1954

Faz colchas de retalhos, tapetes e almofadas.

Trabalhava como costureira em confecção mas, depois de um acidente, deixou de fazer roupas e passou a “construir” colchas de retalhos, técnica que foi ensinada por sua mãe. Na sua fala, enfatiza sempre as dificuldades da vida porém, quando o assunto é o seu trabalho, ressalta a importância deste como terapia e como força organizadora da sua vida, depois do acidente que sofreu.



“... tem hora que eu
to com dor de cabeça
eu sento aqui na máquina,
eu esqueço das
minha dor”

Eleuza (6/04/2005)



Vera Lucia da Veiga Jardim
Goiânia – GO - 1951

Faz bonecas e caixas com as folhas secas da bananeira. Desenvolve também bonecas de pano, tapetes e colchas de retalho.

Cresceu no mundo das artes: o pai desenhava, era arquiteto, e as mulheres da família desenvolviam várias técnicas de artesanato, o que a levou, mais tarde, a desenvolver também este tipo de trabalho. Foi secretária executiva em Goiânia, se aposentou e modificou totalmente sua vida. Há três anos, mudou-se para Buenolândia e começou a trabalhar com artesanato. Ensina técnicas de tapetes e colchas de retalho às mulheres do povoado.



"Eu sou artesã. Esta é a profissão que eu escolhi. Eu adoro criar. Eu não gosto da rotina, tenho que tá modificando, criando, esse é o meu prazer. Eu pego uma florzinha no mato e invento. Eu pego uma folha de bananeira, uma coisa eu crio em cima daquilo. Esse é o meu prazer."

Vera (18/09/2005)

Sonhos
Sonhados continuamente.
Pulsantes.
Sonhos visíveis em histórias
vivas.
Contadas, recontadas a todo
o momento, no tempo.
Tempo de fazer.
Um pensar, um querer.
Caminhos, construções.
Caminhos que trabalham,
pensam e sonham.
Sonhos difíceis.
Tempos difíceis, porém vividos.
Lutas, batalhas e crenças.
Na força de ser mulher, de ter
a natureza feminina do cerrado.

Eliane Chaud/2005.

anatureza feminina doce e cerrado





Endereços

Irene Rodrigues da Silva (Leninha)

Av. Contorno Norte, nº 4
Alto Santana - Cidade de Goiás-
Go-Brasil
Tel: (62) 3372-1448

Divina Lúcia Pereira Santos da Luz

Rua do Contorno, nº 16
Santa Bárbara - Cidade de Goiás-
Go-Brasil
Tel: (62) 3371-1386

Vera Lúcia da Veiga Jardim

Buenolândia - Distrito de Goiás
Tel: (62) 3372-2040

Alice Gonçalves Noronha

Praça Domingos Gomes, nº 05-
Centro - Cidade de Goiás
Cidade de Goiás-Go-Brasil
Tel: (62) 3371-4085

Maria Helena Pinheiro de Bastos

Rua Coronel Santa Cruz - s/n
Cidade de Goiás-Go-Brasil
Tel: (62) 3371-2780

Maria da Conceição Rodrigues dos Santos (Maria da Gruta)

Rua Vereador Delando Lagares,
Quadra 6 lote 12
Papius - Cidade de Goiás-Go-
Brasil
Tel: (62) 9914-1220

Geralda de Lourdes P. Godoy (Gel)

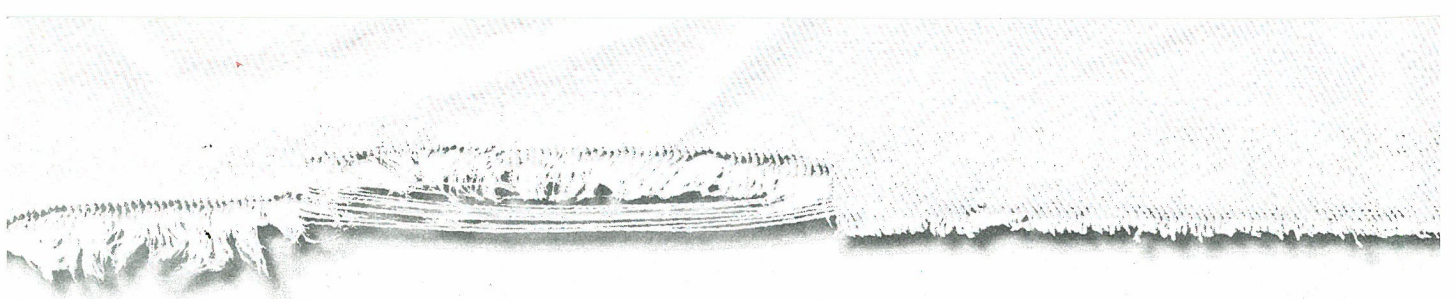
Beco da Taquara nº03
Centro - Cidade de Goiás-Go-
Brasil
Tel: (62) 371-3994 / 372-1278

Eleuza Inácia Batista

Praça do Moreira nº05
Centro - Cidade de Goiás-Go-
Brasil
Tel: (62) 371-2547

Odete Camargo Secondino Santos

Rua St. Amaro nº 42
Vila Goiacy - Cidade de Goiás-
Go-Brasil
Tel: (62) 372-1238



Referência Bibliográfica

BARBOSA, A. M. (org.). **Inquietações e mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BASTOS, F.M.C. **O perturbamento do familiar: uma proposta tórica para a Arte/Educação baseada na comunidade**. In: BARBOSA, Ana Mae(org.) *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.

BHABHA, H.K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BRANDÃO, Antonio José da Costa. **Almanach da Província de Goyaz ; para o ano de 1886**. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1978.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1998.

CASCUDO Luís da Câmara. **Civilização e Cultura**. São Paulo: Global, 2004.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. artes, de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CHAUL, Nasr Fayad & RIBEIRO, Paulo Rodrigues. **Goiás: identidade, paisagem e tradição**. Goiânia: UCG, 2001.

DaMATTÁ, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1984.

DANIEL, Vesta. **Aspectos do Ato Comunitário: Criando conexões locais**. In: *Visualidades: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual*. Número temático: Educação, Cultura e Visualidades. Vol. 3, n. 1, Jan-Jun/2005.

FAGUNDES, Marilisa. **Desvendando o artesanato**. Curitiba: PAP, 1994.

FROTÁ, Lélia Coelho. **Pequeno dicionário da arte do povo brasileiro, século XX**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.

GIROUX, Henry. **Atos Impuros: A prática política dos estudos culturais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GOMIDE, Cristina Helou. **História da transferência da capital**. Goiânia: Ed. Alternativa, 2003. (Coleção Histórias de Goiás)

GUIMARÃES, L; GUIMARAES, A e GOYA, F. **Objetos Populares da Cida-**

de de Goiás-cerâmica. UFG-SEBRAE, Goiânia: 2001.

GUIMARÃES, Lêda B. **Entre a Universidade e a Diversidade – A linha vermelha do Ensino da Arte**. Tese de Doutorado. ECA-USP, 2005.

HERNANDEZ, Fernando. **Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1986.

McLAREN, Peter. **Multiculturalismo Crítico**. Trad. Bebel Orofino Schaefer. 3ª ed.-São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000. – (Coleção Prospectiva, v.3)

PORTO ALEGRE, Sylvia. **Mãos de mestre. Itinerários da Arte e da Tradição**. São Paulo: maltese, 1994.

RICHTER, Ivone Mendes. **Multiculturalidade e Estética do Cotidiano no Ensino das Artes Visuais**. Campinas, SP : Mercado das Letras, 2003.

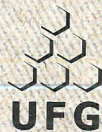


PROEXT
SESU/MEC

Programa de Apoio à Extensão Universitária

Fav

FACULDADE DE ARTES VISUAIS | UFG



UFG

Universidade Federal de Goiás